

O estilo que canta a morte

A relação entre as letras mórbidas do rock e os fãs

BRUNA AXT, BRUNA NEVES, LAURA RODRIGUES E NAILA BORGES

Rock'n'roll é tão fabuloso, as pessoas deviam começar a morrer por ele. As pessoas simplesmente devem morrer pela música.

Lou Reed

Desde Elvis Presley, o rock sofreu constantes mutações, passando do alternativo ao pop, mas sem perder o foco, um caráter ideológico. Porém foi nos anos 1970 que a cara do rock começou a mudar. Uma das bandas que revolucionou o cenário musical foi Black Sabbath, conhecida por sua influência sombria. Seus integrantes foram os primeiros a apresentar ao público imagens de morte, demônios e ocultismo nas canções, além de lançar vocalistas importantes, como Ozzy Osbourne, que em seus shows mutilava animais e derramava sangue no palco supostamente em homenagem ao diabo. Fãs, que até então decoravam as letras passaram a prestar atenção em suas mensagens.

Depois de Black Sabbath, o rock nunca mais foi o mesmo. Cantando músicas com o refrão “leve seu corpo a um cadáver”, o ex-vocalista da banda, Ozzy Osbourne, que se intitula “o rei da morte”, fez fortuna, mostrando que a morbidez tem espaço no mercado fonográfico. Outra questão é saber por que e até que ponto essas composições influenciam a juventude que se espelha em seus ídolos.

Não faltam exemplos de jovens que cometeram atos ilícitos influenciados por esse tipo de música. Há cerca de sete anos, corpos enterrados no jardim e mutilados na geladeira foram descobertos na casa de um serial killer na Inglaterra, fã declarado da



Black Sabbath: os primeiros a falar sobre a morte nas músicas

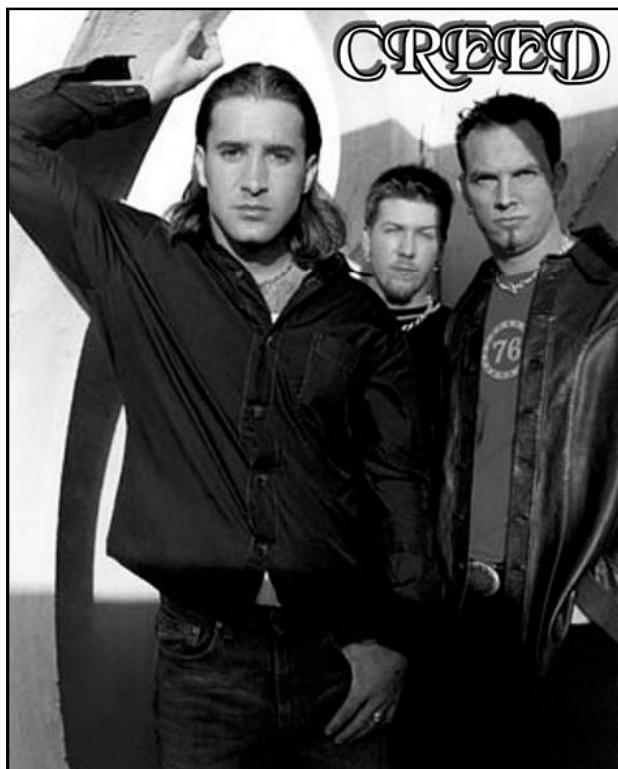
O músico se dizia um soldado de satã e participava de sacrifícios com animais

banda brasileira Sepultura. A família de uma das vítimas quis processar os músicos.

Até quem nunca teve a pretensão de falar sobre a morte como algo maléfico teve que pagar o preço por conta das bandas satânicas. É o caso dos góticos que têm uma filosofia própria. Eles cultuam a morte como forma de aliviar o peso da vida. Alguns dizem que escolhem a escuridão da morte porque, uma vez fora do útero, é o único lugar que estarão seguros e em paz de novo.

Segundo o gótico R.S., que prefere não se identificar, preocupado com o preconceito, a sociedade brasileira ainda é muito tradicional e vê os góticos como drogados, marginais, loucos e vagabundos, entre outras coisas:

– São pessoas desiludidas com a hipocrisia da sociedade decadente e que buscam uma saída através da expressão de seus sentimentos mais íntimos, seja na música, literatura, arte plástica, ou somente na atitude de ver o que está errado e reagir – define, acrescentando, em seguida, que eles



Creed: os bons moços do rock



Detonautas: banda carioca quer conscientizar os jovens

gostam de cemitérios por ser o local onde mais encontram paz.

Para a psicóloga Madalena Sapucaia, o *rock*, visto como um produto vendido pela mídia, é resultado de uma demanda comercial e não a expressão real dos valores do artista. Cada álbum é lançado com um esquema de divulgação e de produção da gravadora muito forte, mas isso nem sempre é percebido pelos fãs.

Na contramão do glamour da morte, surgem grupos de *rock* que expõem em suas composições a valorização da vida. É o caso da banda evangélica americana Creed e da brasileira Detonautas. O último clipe dos músicos brasileiros aborda os cuidados que os jovens devem ter no trânsito para evitar o elevado número de mortes em acidentes.

O vocalista Tico recebeu muitos elogios pela iniciativa, mas também foi criticado por alguns que não gostaram da idéia e questionaram sua influên-

cia na vida dos fãs. A idéia surgiu porque, segundo Tico, assim como Marcelo D2 fala sobre drogas e O Rappa sobre temáticas sociais, a violência no trânsito é o que está mais perto do seu dia-a-dia.

– Recebi muitos e-mails parabenizando a idéia, mas teve gente que disse: “Você é muito burro de achar que alguém morre de acidente porque quer e que sua música vai mudar isso”. A essas pessoas eu nem respondo, porque isso é ignorância – disse.

Assim como Madalena Sapucaia, o cantor acredita que figuras como Ozzy e Marilyn Manson – outro roqueiro que prega a glamourização da morte – são *marketing*. Apesar disso, vê um lado positivo nessas canções.

– Acho isso necessário, pois gera polêmica. Manson, por exem-

plo, brinca com a mania dos americanos de achar que existe uma verdade absoluta. Ele satiriza e ironiza uma sociedade hipócrita – explica Tico. 🐼

Quem está passando por um momento difícil pode ser influenciada pela letra, o que está sendo dito pode mexer com os sentimentos de quem ouve